

POLÍTICA

CONGRESSO

ACM diz que não crê em cassação nem renunciará

Ex-presidente do Senado vai depor hoje no Conselho de Ética, apresentando-se como vítima de perseguição e jogando responsabilidade de violação para Arruda

GERSON CAMAROTTI

BRASÍLIA – O senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) deve afirmar na tarde de hoje, em depoimento ao Conselho de Ética do Senado, que está sendo vítima de uma perseguição política. ACM descarta a possibilidade de renunciar para evitar um processo de cassação e deve insistir que não partiu dele a ordem para violar o painel eletrônico do Senado, jogando a responsabilidade no ex-líder do governo José Roberto Arruda (sem partido-DF). “A cassação do meu mandato seria uma violência”, disse ACM ao **Estado**. “Não creio numa cassação. A verdade está comigo.”

ACM resolveu mudar completamente a sua estratégia de defesa esta semana, depois que Arruda admitiu sua participação, envolvendo-o no episódio. Até então, o senador baiano negava qualquer participação na quebra de sigilo da votação que casou o mandato de Luiz Estevão, dizendo inclusive que jamais teve acesso à lista.

Agora, sua estratégia será tentar desvincular-se ao máximo de Arruda – que, aliás, resolveu esperar o depoimento de ACM para tomar qualquer atitude. “Só depois disso é que Arruda definirá seu futuro, não descartando nem mesmo sua renúncia”, disse um dos poucos caciques tucanos que continua apoiando Arruda.

Problema – O senador baiano tentará convencer os integrantes da Comissão de Ética que não praticou ilegalidade e que, após ter recebido a lista, teve o cuidado de não dar divulgação ao assunto para não anular a cassação de Estevão. “O problema agora é político e por isso vou tratar o assunto politicamente, embora também faça a minha defesa jurídica”, disse.

Ele passou o dia de ontem com alguns assessores em seu apartamento, preparando-se para o depoimento, e só chegou ao Senado no final da tarde. No início da noite, o porta-voz do Palácio do Planalto,

Georges Lamazière, disse que o presidente Fernando Henrique Cardoso “não tem temor nenhum em relação ao depoimento do senador Antonio Carlos”, reafirmando ser esse um assunto do Senado.

Apesar de admitir que recebeu a lista com o voto dos senadores e garantir que a rasgou, ACM vai insistir que foi essa sua única participação em todo o caso. “Ninguém do Prodasen ouviu uma única ordem minha para conseguir a lista”, disse. “No depoimento de Regina Borges (ex-diretora do Prodasen) não existe nada contra mim. Não há uma única afirmativa dela que me prejudique”, afirmou.

ACM deverá negar ter telefonado para Regina com o objetivo de agradecer a lista entregue por Arruda. O senador baiano fez um levantamento preventivo nos telefones do seu antigo gabinete e não constatou registro dessa ligação. Ele deverá lembrar ter telefonado para Regina em outra ocasião, a pedido dela, depois de saber que ela havia nomeado para um cargo no Prodasen o enteado do seu ex-assessor Rubens Gallerani.

ACM não deve perder o apoio e a solidariedade de seu partido. O presidente do PFL, senador Jorge Bornhausen (SC), deu ontem demonstrações de que a legenda não deve abandonar o cacique baiano, mesmo depois dele ter admitido que recebeu a lista. “Não dá para abandonar uma pessoa com 50 anos de vida política por causa de um único episódio”, observou Bornhausen.

Ao mesmo tempo, o PFL ensaiou um discurso para reforçar a tese de ACM em repassar para Arruda toda a culpa no episódio. “Quem era interessado nesta lista era o Arruda”, disse o líder do PFL na Câmara, deputado Inocêncio Oliveira (PE), referindo-se ao fato do ex-líder ser adversário político de Luiz Estevão. “Afim, este era um assunto da política do Distrito Federal”. **(Colaboraram Tânia Monteiro e Renata Giraldi)**

■ Acompanhe o depoimento de ACM hoje no site estadao.com.br



ACM faz anotações no plenário do Senado: “A cassação do meu mandato seria uma violência”